

causa do bem, e as nossas autoridades encarregaram-nos de atender-lhes aos casos pessoais.

— Prevejo muito êxito — comentou Albano Metelo, fixando em nós o olhar sereno.

Revelando espontânea alegria pelas palavras ouvidas, Jerônimo acrescentou, delicado:

— Confio na dedicação dos meus companheiros. Seguem comigo um ex-padre católico, uma enfermeira e um médico. Seremos quatro servos em ação ativa.

— Compreendo! — aduziu o Instrutor.

— Vamos com autorização para efetuar experiências, estudos e auxílio eventuais, de conformidade com as circunstâncias, em vista do caráter de nosso trabalho, que nos prodigalizará ensejo a diferentes observações.

Enviou-nos Metelo reconfortante sorriso de otimismo e confiança, cumprimentou-nos, individualmente, e, depois de abraçar o nosso diretor, com intimidade, exclamou:

— Que o Mestre os ilumine e conduza.

Eram as palavras de despedida. Outro grupo socorrista aproximou-se dele e retiramo-nos do templo da Paz, repletos do pensamento salutar de servir aos semelhantes em nome de Deus.

Lá fora, a noite de maravilhas era bem uma festa silenciosa, em que o aroma das flores convidava para o banquete celeste da luz.

II

NO SANTUÁRIO DA BÊNÇÃO

Na véspera da partida, o Assistente Jerônimo conduziu-nos ao Santuário da Bênção, situado na zona dedicada aos serviços de auxílio, onde, segundo nos esclareceu, receberíamos a palavra de mentores iluminados, habitantes de regiões mais puras e mais felizes que a nossa.

O orientador não desejava partir sem uma oração no Santuário, o que fazia habitualmente, antes de entregar-se aos trabalhos de assistência, sob sua direta responsabilidade.

À tardinha, pois, em virtude do programa delineado, encontrávamo-nos todos em vastíssimo salão, singularmente disposto, onde grandes aparelhos elétricos se destacavam, ao fundo, atraindo-nos a atenção.

A reduzida assembleia era seleta e distinta.

A administração da casa não recebia mais de vinte expedicionários de cada vez. Em razão do preceito, apenas três grupos de socorro, prestes a partir a caminho das regiões inferiores, aproveitavam a oportunidade.

O conjunto de doze, presidido por uma irmã de porte venerável, de nome Semprônia, que se consagraria ao amparo dos asilos de crianças desprotegidas; o grupo chefiado por Nicanor, um assistente muito culto e digno, que se dedicaria, por algum tempo, à colaboração nas tarefas de assistência aos loucos de antigo hospício, e nós outros, os companheiros encarregados de auxiliar alguns

amigos em processo de desencarnação, perfazíamos o total de vinte entidades.

O Instrutor Cornélio, diretor da instituição, atendido por um assessor, palestrava conosco, demonstrando simplicidade e fidalguia, magnanimidade e entendimento.

— Logo de início, em nossa administração — explicava-nos — procurámos estabelecer o aproveitamento máximo do tempo com o mínimo de oportunidade. Para concretizar a providência, desde muito não recebemos indiscriminadamente os grupos socorristas. Reunimos os conjuntos de serviço, de acordo com as situações a que se destinam. Em dia de recepção aos que vão prestar serviços na Crosta, não atendemos a colaboradores incumbidos de operar exclusivamente nas zonas de desencarnados, como sejam as estações purgatorias e as que se classificam como francamente tenebrosas. Há que ordenar as palavras e selecioná-las, criando-se campo favorável aos nossos propósitos de serviço. A conversação cria o ambiente e coopera em definitivo para o êxito ou para a negação. Além disso, como esta casa é consagrada ao auxílio sublime dos nossos governantes que habitam planos mais altos, não seria justo distrair a atenção e, sim, consolidar bases espirituais, com todas as energias ao nosso alcance, em que possam aqueles governantes lançar os recursos que buscamos. Compreendendo a extensão das tarefas por fazer e o respeito que devemos àqueles que nos ajudam, somos de parecer que precisamos sanar os velhos desequilíbrios das intromissões verbais desnecessárias e, muitas vezes, perturbadoras e dissolventes.

Enquanto lhe ouvíamos as ponderações, encantados, imprimiu ligeiro intervalo às sentenças esclarecedoras e continuou:

— Aliás, o profeta enunciou, há muitos séculos, que “a palavra dita a seu tempo é maçã de ouro em cesto de prata”. Se estamos, portanto, verdadeiramente interessados na elevação, consti-

tui-nos inalienável dever o conhecimento exato do valor “tempo”, estimando-lhe a preciosidade e definindo cada coisa e situação em lugar próprio, para que o verbo, potência divina, seja em nossas ações o colaborador do Pai.

Sorrimos, satisfeitos.

— Nada mais razoável e construtivo — opinou Semprônia, a destacada orientadora que dirigiria pela primeira vez a expedição de socorro aos órfãos encarnados.

O dirigente do Santuário, reconhecendo, talvez, como nos sentíamos necessitados de esclarecimento quanto ao uso da palavra, prosseguiu:

— E’ lamentável se dê tão escassa atenção, na Crosta da Terra, ao poder do verbo, atualmente tão desmoralizado entre os homens. Nas mais respeitáveis instituições do mundo carnal, segundo informes fidedignos das autoridades que nos regem, a metade do tempo é despendida inútilmente, através de conversações ociosas e inoportunas. Isso, referindo-nos somente às “mais respeitáveis”. Não se precatam nossos irmãos em Humanidade de que o verbo está criando imagens vivas, que se desenvolvem no terreno mental a que são projetadas, produzindo consequências boas ou más, segundo a sua origem. Essas formas naturalmente vivem e proliferam e, considerando-se a inferioridade dos desejos e aspirações das criaturas humanas, semelhantes criações temporárias não se destinam senão a serviços destruidores, através de atritos formidáveis, se bem que invisíveis.

Notava-se, claramente, o interesse que suas definições despertavam nos ouvintes. Em seguida a uma pausa mais longa, tornou, cuidadoso:

— Toda conversação prepara acontecimentos de conformidade com a sua natureza. Dentro das leis vibratórias que nos circundam, por todos os lados, é uma força indireta de estranho e vigoroso poder, induzindo sempre aos objetivos velados de quem lhe assume a direção intencional. Encarregados de

assumir a chefia desta casa, trouxemos instruções de nossos Maiores para suprimir todos os comentários tendentes à criação de elementos adversos aos júbilos da Bênção Divina. E' por isso que, graças ao amor providencial de Jesus, temos conseguido a manutenção de um instituto em que os nossos mentores de Mais Alto se fazem sentir. A ausência de qualquer palavra menos digna e a presença continua de fatores verbais edificantes facilitam a elaboração de forças sutis, nas quais os orientadores divinos encontram acessórios para se adaptarem, de algum modo, às nossas necessidades na edificação comum.

Fez um gesto do narrador que se recorda de minudência importante e informou:

— Encetando nosso trabalho modesto, fomos defrontados por reações apreciáveis. Procurava-se, então, o Santuário, sem qualquer preparação íntima. Nossos amigos prosseguiram repetindo o cenário da Crosta, em que os devotos procuram os templos, como os negociantes buscam mercados. Devíamos administrar dons espirituais, como quem dirige um armazem de vantagens fáceis ao personalismo inferior. Desde o primeiro dia, porém, amparados na delegação de competência que nos foi concedida, golpeamos, fundo, o velho hábito. Durante alguns dias, gastamos tempo, ensinando a reverência devida ao Senhor, a necessidade da limpeza interna do pensamento e a abolição do feio costume de tentar o suborno da Divindade com falaciosas promessas. E quando sentimos conscienciosamente que as lições estavam findas, iniciamos a aplicação de medidas retificadoras. Registos vibratórios foram instalados, assinalando a natureza das palavras em movimento. Desde aí foi muito fácil identificar os infratores e barrar-lhes a entrada na Câmara de Iluminação, onde realizamos nossas preces...

Observando, talvez, que alguns de nós faziam certas considerações mentais, observou, sorridente:

— Cremos desnecessária qualquer alusão ao imperativo dos pensamentos limpos. Quem busca uma casa especializada em abençoar, não pode hospedar ideias de ódio ou maldição.

Compreendemos prontamente a finalidade do ensino indireto e delicado e calámo-nos, prevenidos quanto à necessidade de resguardar a mente contra as velhas sugestões do mal.

Desejando facilitar-nos as expansões de alegria e cordialidade, Cornélio fixou um grande relógio que apresentava simbolicamente, no mostrador, a caprichosa forma dum olho humano de grandes proporções em que dois raios luminosos indicavam as horas e os minutos, e falou, em tom fraternal:

— Teremos hoje, conforme notificação recebida há vários dias, a visita dum mensageiro de alta expressão hierárquica. Contudo, antes desse acontecimento excepcional, dispomos ainda de algum tempo. Considerando o preito de amor que devemos aos que nos orientam do Plano Superior, não convém emitir a nossa invocação de bênçãos, nem antes, nem depois do horário estabelecido. Estejam, pois, à vontade, os cooperadores...

E, fixando o olhar nos três encarregados de serviço, acrescentou, após as reticências:

— Enquanto me entendo particularmente com os chefes das missões, temos quase uma hora para a troca de ideias construtivas.

Cornélio passou a dirigir-se, de modo confidencial, aos nossos orientadores e, fracionados em grupinhos diversos, entabulámos conversações amígas.

Atendendo-me os desejos, padre Hipólito, qual o chamávamos na intimidade, apresentou-me o Assistente Barcelos, da turma de servidores que se destinava à assistência aos loucos. Fora ele dedicado professor no círculo carnal e interessava-se, carinhosamente, pela Psiquiatria sob novo prisma.

Acolheu-me com fidalgo tratamento e, após as primeiras saudações, perguntou, bondoso:

— E' a primeira vez que integra uma expedição socorrista?

— De fato — esclareci — é a primeira. Tenho acompanhado diversas missões de auxílio na Crosta, entretanto, na condição do estudante, com reduzidas possibilidades de cooperação. Agora, porém, o Assistente Jerônimo aceitou-me o concurso e sigo alegremente.

Endereçou-me cativante olhar, no qual transpareciam satisfação e surpresa, e observou:

— O trabalho beneficia sempre.

Interessado em seus informes e esclarecimentos, tornei, humilde:

— Seguindo expedições de socorro, como aprendiz, tive ensejo de visitar, por mais de uma vez, dois antigos e grandes sanatórios de alienados do nosso País e vi, de perto, a extensão dos serviços reservados aos servos de boa vontade, nessas casas de purificação e dor. As atividades de enfermagem, aí, são, a meu ver, das mais meritórias.

— Inegavelmente — concordou ele, prezando-me a atenção — a loucura é um campo doloroso de redenção humana. Tenho motivos particulares para consagrar-me a esse setor da medicina espiritual e asseguro-lhe que dificilmente encontraríamos noutra parte tantos dramas angustiosos e problemas tão complexos.

— E tem colhido muitos frutos novos decorrentes do seu esforço? — perguntei, curioso.

— Sim, venho arquivando confortadoras ilações nesse sentido, concluindo que, com exceção de raríssimos casos, todas as anomalias de ordem mental se derivam dos desequilíbrios da alma. Estamos longe de contar com o número suficiente de servidores treinados para socorrer eficazmente os encarcerados na cadeia das obsessões terríveis e amargurosas. E' tão grande a quantidade de doentes, nesse particular, que não sobra outro recurso além da resignação. Continuamos, desse modo, a atender superficialmente, esperando, acima de tudo,

da Providência Divina. Nos casos de perseguição sistemática das entidades vingativas e cruéis do plano inacessível às percepções do homem vulgar, temos, invariavelmente, uma tragédia iniciada no presente com a imprevidência dos interessados ou que vem do pretérito próximo ou remoto, através de pesados compromissos. Se os psiquiatras modernos penetrassem o segredo de semelhantes fatos, iniciariam a aplicação de nova terapêutica à base dos sentimentos cristãos, antes de qualquer recurso à hormoterapia e à eletricidade.

Recordei os serviços de assistência a obsidiados, que acompanhara, atentamente, e aduzi:

— Examinci, de viso, alguns casos torturantes de obsessão e possessão que me impressionaram, sobremaneira, pela quase completa ligação mental, entre os verdugos e as vítimas.

Barcelos esboçou significativo gesto e acentuou:

— E' a terrível história viva dos crimes cometidos em movimentação permanente. Os cúmplices e personagens desses dramas silenciosos e muita vez ignorados por outros homens, antecedendo os comparsas no caminho da morte, tornam, amedrontados, ao convívio dos seus, em face das sinistras consequências com que se defrontam além do túmulo... Agarram-se instintivamente à organização magnética dos companheiros encarnados ainda na Crosta, viciando-lhes os centros de força, relaxando-lhes os nervos e abreviando o processo de extinção do tônus vital, porque têm sede das mesmas companhias junto às quais se lançaram em pleno abismo. Exibem sempre quadros tristes e escuros, onde se destaca a piedade de muitas almas redimidas que tornam do Alto em compassivos gestos de intercessão e socorro urgente.

Imprimiu às considerações ligeira pausa e prosseguiu:

— Entretanto, observo, na atualidade, especialmente outro campo alusivo ao assunto. Antes de minha volta ao plano espiritual, faminto de no-

vas informações referentes ao psiquismo da personalidade humana, examinei, atento, a doutrina de Freud. Impressionado com as variações psicológicas dos caracteres juvenis, sob minha observação direta, e apaixonado pela solução dos profundos enigmas que envolvem a criatura terrestre, encontrei na psico-análise um mundo novo. Todavia, por mais que eu estudasse a prodigiosa coleção dos efeitos, jamais alcancei a tranquilidade completa na investigação das causas, no círculo dos fenômenos em exame. Discípulo espontâneo e distante do eminente professor de Freiberg, somente aqui pude reconhecer os elos que lhe saltam ao sistema de posituação das origens de psicoses e desequilíbrios diversos. Os "complexos de inferioridade", o "recalque", a "libido", as "emersões do subconsciente" não constituem fatores adquiridos no curto espaço de uma existência terrestre e, sim, característicos da personalidade egressa das experiências passadas. A subconsciência é, de fato, o porão dilatado de nossas lembranças, o repositório das emoções e desejos, impulsos e tendências que não se projetaram na tela das realizações imediatas; no entanto, estende-se muito além da zona limitada de tempo em que se move um aparelho físico. Representa a estratificação de todas as lutas com as aquisições mentais e emotivas que lhes foram consequentes, depois da utilização de vários corpos. Faltam, pois, às teorias de Segismund Freud e seus continuadores a noção dos princípios reencarnacionistas e o conhecimento da verdadeira localização dos distúrbios nervosos, cujo início muito raramente se verifica no campo biológico vulgar e quase que invariavelmente no corpo perispiritual preexistente, portador de sérias perturbações congênitas, em virtude das deficiências de natureza moral, cultivadas com desvairado apego, pelo reencarnante, nas existências transcorridas. As psicoses do sexo, as tendências inatas à delinquência, tão bem estudadas por Lombroso, os desejos ex-

travagantes, a excentricidade, muita vez lamentável e perigosa, representam modalidades do patrimônio espiritual dos enfermos, patrimônio que ressurge, de muito longe, em virtude da ignorância ou do relaxamento voluntário da personalidade em círculos desarmônicos.

Estabelecera-se, entre nós, uma pausa feliz, que aproveitei, atentamente, arregimentando raciocínios quanto ao assunto, considerando os argumentos construtivos que o Assistente enunciara, em benefício de minha própria iluminação.

Recordei meus escassos conhecimentos da doutrina freudiana e voltei mentalmente ao consultório, onde, muitas vezes, fora procurado por amigos atacados de estranhas e desconhecidas enfermidades mentais, a se socorrerem de minhas pobres noções de Medicina, não obstante minha carência de especialização, em tal sentido. Eram maníacos, histéricos e esquizofrênicos de variados matizes, em cujos cérebros ainda existia luz bastante para a peregrinação através dos livros científicos. Haviam devorado ensinamentos de Freud, entretanto, se as teorias eram valiosas pelos elementos de análise, não ofereciam socorro algum substancial e efetivo ao doente. Descobriam a ferida sem trazer um bálsamo curativo. Indicavam o quisto doloroso, mas subtraíam o bisturi da intervenção benéfica. As explicações de Barcelos, por isso mesmo, se aproveitadas por médicos cristãos na Crosta Planetária, poderiam completar o trabalho de benemerência que a tese freudiana trouxera aos círculos acadêmicos. Antes, porém, que formulasse novas considerações íntimas, tornou ele:

— Tenho minhas atribuições junto aos desequilibrados mentais; todavia, meu esforço maior, ultimamente, desdobra-se na região inspiracional dos médicos humanitários, para que os candidatos involuntários à perturbação sejam auxiliados a tempo. Depois de verificada a loucura, propriamente dita, na maioria dos casos terminou o processo da

desarmonia psíquica. Muito difícil, conduzir a restauração perfeita aos alienados com ficha reconhecida, embora seja incessante a nossa batalha pelo restabelecimento integral da percentagem possível de enfermos. Antes do desequilíbrio completo, houve enorme período em que o socorro do psiquiatra poderia ter sido providencial e eficiente. Não será, portanto, um grande trabalho orientarmos indiretamente o médico bem intencionado, para que ele auxilie o provável alienado, a tempo, empregando a palavra confortadora e o carinho restaurador? Incalculável número de pessoas permanece no plano carnal, tentando a solução dos profundos problemas relativos ao próprio ser. Relacionando as conclusões dos tratadistas humanos, cujos pontos de vista divergem nos pormenores, temos, na esfera de aperfeiçoamento terrestre, cinco classes de psicoses: as de natureza paranóica, perversa, mitomaniaca, ciclotímica e hiper-emotiva, englobando, respectivamente, a mania das perseguições e o delírio de grandezas, os desequilíbrios e fraquezas de ordem moral, a histeria e a mitomania, os ataques melancólicos e as fobias e crises de angústia.

O interlocutor sorriu, fez uma pausa e continuou:

— Esta, a definição científica dos nossos amigos que, como nós outros, antigamente, só possuem o recurso de diagnosticar e analisar nas minudências anatômicas. Arabescos de ouro sobre a areia do Saará não tornariam o deserto menos árido. Assim, a terminologia brilhante sobre o quadro escuro do sofrimento. Precisamos divulgar no mundo o conceito moralizador da personalidade congênita, em processo de melhoria gradativa, espalhando enunciados novos que atravessem a zona de raciocínios falíveis do homem e lhe penetrem o coração, restaurando-lhe a esperança no eterno futuro e revigorando-lhe o ser em suas bases essenciais. As noções reencarnacionistas renovarão a paisagem da vida na Crosta da Terra, conferindo

à criatura não somente as armas com que deve guerrear os estados inferiores de si própria, mas também fornecendo-lhe o remédio eficiente e salutar. Faz muitos séculos, afirmou Plotino que toda a antiguidade aceitava como certa a doutrina de que se a alma comete faltas é compelida a expiá-las, padecendo em regiões tenebrosas, regressando, em seguida, a outros corpos, a fim de reiniciar suas provas. Falta, desse modo, lamentavelmente, aos nossos companheiros de Humanidade o conhecimento da transitoriedade do corpo físico e da eternidade da vida, do débito contraído e do resgate necessário, em experiências e recapitulações diversas.

Barcelos calara-se, por instantes, enquanto eu lhe ponderava a extensão da competência. Com justificada razão possuía ele o título de Assistente, porque não era um simples irmão auxiliador, mas profundo especialista no assunto a que se dedicara, fervoroso. A conversação dele valia por um curso rápido de Psiquiatria sob novo aspecto, que me cabia aproveitar, em benefício próprio, para as tarefas marginais do serviço comum.

Desejando traduzir minha admiração e contentamento, observei, reconhecido:

— Ouvindo-lhe as considerações, reconheço que o missionário do bem é sempre um semeador de luz, onde se encontre.

Ele, porém, pareceu não ouvir minha referência elogiosa e prosseguiu noutro tom, após longa pausa:

— O meu amigo examinou alguns casos de obcecação entre agentes invisíveis e pacientes encarnados, impressionando-se com a imantação mental entre eles. Pisamos no momento outro solo. Referimo-nos às necessidades de esclarecimento dos homens, perante os seus próprios companheiros de plano evolutivo. No círculo das recordações imprecisas, a se traduzirem por simpatia e antipatia, vemos a paisagem das obsessões transferida ao

campo carnal, onde, em obediência às lembranças vagas e inatas, os homens e mulheres, jungidos uns aos outros pelos laços de consanguinidade ou dos compromissos morais, se transformam em perseguidores e verdugos inconscientes entre si. Os antagonismos domésticos, os temperamentos aparentemente irreconciliáveis entre pais e filhos, esposos e esposas, parentes e irmãos, resultam dos choques sucessivos da subconsciência, conduzida a recapitulações retificadoras do pretérito distante. Congregados, de novo, na luta expiatória ou reparadora, as personagens dos dramas, que se foram, passam a sentir e ver, na tela mental dentro de si mesmas, situações complicadas e escabrosas de outra época, malgrado os contornos obscuros da reminiscência, carregando consigo fardos pesados de incompreensão, atualmente definidos por "complexos de inferioridade". Identificando em si questões e situações íntimas, inapreensíveis aos demais, o Espírito reencarnado que adquire recordações, não obstante menos precisas do próprio passado, candidata-se, inelutavelmente, à loucura. E nessa categoria, meu amigo, temos na Crosta Planetária uma percentagem cada vez maior de possíveis alienados, requerendo o concurso de psiquiatras e neurologistas, que, a seu turno, se conservam em posição oposta à verdade, presos à conceituação acadêmica e às rígidas convenções dos preceitos oficiais. Esses, em particular, são os pacientes que interessam, de mais perto, meus estudos pessoais. São as vítimas anônimas da ignorância do mundo, os infortunados absolutamente desentendidos que, de loucos incipientes, prosseguem, poupo a pouco, a caminho do hospício ou do leito de enfermidades ignoradas, tão só porque lhes faltam a água viva da compreensão e a luz mental que lhes revelem a estrada da paciência e da tolerância, em favor da redenção própria.

— E são muitos, semelhantes casos angustiosos? — indaguei, por falta de argumentação à altura das considerações ouvidas.

O Assistente sorriu e esclareceu:

— Oh! meu caro, a extensão do sofrimento humano, nesse sentido, confunde-se também com o infinito.

Barcelos ia prosseguir, mas retiniu, sonora, uma campainha singular, convocando-nos aos preparativos da oração.

Era preciso atender.